

A cultura do milho e o patrimônio cultural de Patos de Minas: interpretações e possibilidades turísticas

*The corn culture and the cultural heritage of Patos de Minas:
interpretations and tourism possibilities*

FÁDUA DÂMARIS ABREU VELOSO

Mestranda em Turismo e Patrimônio (PPGTURPATRI/UFOP)

E-mail: fadua.veloso@aluno.ufop.edu.br

MARIA DO CARMO PIRES

Professora orientadora (DETUR/PPGTURPATRI/UFOP)

E-mail: maricpires@ufop.edu.br

Resumo: Procura-se, neste artigo, investigar elementos constituintes da história de Patos de Minas, Minas Gerais, no que tange a seu patrimônio cultural, explorando possíveis atrativos turísticos que fazem parte do cotidiano da comunidade patense. Foi realizada uma pesquisa de abordagem metodológica qualitativa, iniciando-se com uma revisão de literatura, seguida pela pesquisa documental e, por fim, foram analisadas manifestações culturais que valorizam os saberes e fazeres da população e que são permeados pelo principal elemento simbólico da cidade, a cultura do milho. Também foram escolhidos alguns exemplos de caráter material e imaterial que fazem parte do cotidiano patense e podem vir a configurar possíveis atrativos turísticos.

Palavras-chave: Patos de Minas; milho; turismo; patrimônio.

Abstract: This article aims to investigate the constituent elements of the history of Patos de Minas, Minas Gerais, regarding its cultural heritage, exploring possible tourist attractions that are part of the daily life of the local community. A qualitative methodological approach was employed, starting with a literature review, followed by documentary research. Cultural expressions that value the knowledge and skills of the population, permeated by the city's main symbolic element, the culture of corn, were analyzed. Furthermore, selected examples of both tangible and intangible nature were chosen, which are part of the daily life of Patos de Minas and have the potential to become tourist attractions.

Keywords: Patos de Minas; corn; tourism; heritage.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No atual cenário de propagação de culturas massificadas pelo mundo, que vêm homogeneizando locais e indivíduos, espaços que mantêm vivas suas identidades se destacam por suas características únicas e se tornam instigantes ao serem conhecidos e explorados. Nesse sentido, Hall (2006) aborda como o processo da globalização interferiu na questão da identidade cultural, de maneira que as sociedades modernas vivem em constante movimento, sem se prenderem a algum centro articulador. Essa

realidade globalizante difere-se das sociedades tradicionais, que consideram símbolos e valores do passado essenciais para a perpetuação das experiências às próximas gerações. Apesar da importância de se considerar a tradição no processo de reconhecimento da identidade de um povo, também é necessário que ela não se restrinja àquela velha história narrada em que se priorizam os grandes feitos individuais e se supervalorizam os documentos escritos, como abordado por Meneses (2004).

A tradição deve compreender os costumes de um povo que os reproduz e busca transmiti-los às futuras gerações. Esses costumes podem tornar um povo detentor de manifestações únicas que se destacam em meio à massificação cultural promovida pela globalização, conforme abordado por Hall (2006). A valorização desses elementos culturais pode resultar na promoção do turismo local e, ao mesmo tempo, na preservação da identidade cultural do povo patense para as futuras gerações.

Por ser uma cidade que tem na atividade agrícola sua principal fonte de renda, Patos de Minas tem uma cultura fortemente ligada à terra, onde os conhecimentos e práticas dos produtores rurais contribuíram para impulsionar o desenvolvimento do município. Embora apresente uma grande variedade de grãos cultivados, o milho é o destaque deste estudo por ter tornado Patos de Minas reconhecida no Brasil como a Capital Nacional do Milho. Essas vivências e tradições culturais permitem que a interpretação do patrimônio na atualidade não se limite apenas ao patrimônio material, como espaços físicos e edificações, mas se expanda também para locais e celebrações que envolvam pessoas, seus conhecimentos e demais elementos do patrimônio imaterial. Os saberes, as práticas e as expressões do povo patense podem ser apropriados, a fim de promoverem uma forma de turismo e constituírem uma nova fonte de renda para o município. Além disso, esse tipo de turismo pode reforçar as manifestações culturais locais em contraposição às culturas de massificação que se espalham pelo mundo globalizado.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar os elementos que compõem a cultura de Patos de Minas em suas diferentes possibilidades interpretativas relacionadas ao patrimônio cultural, explorando os possíveis atrativos turísticos que fazem parte do cotidiano da comunidade patense, materiais ou imateriais.

2 PATRIMÔNIO, CULTURA E IDENTIDADE

A ideia de cultura, abordada por Alfredo Bosi (1992), na obra *Dialética da Colonização*, respalda o entendimento que se pretende enfatizar neste estudo, a saber: cultura traduzida como “eu moro, eu ocupo a terra e, por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo” (BOSI, 1992, p. 11). Desse modo, ao buscar a etimologia da palavra, observa-se que o sentido de cultura remete a algo arraigado à terra. Por outro lado, Bosi (1992, p. 13) associa o termo *cultus*, derivado de cultura, ao “trato da terra” e ao “culto dos mortos”. Nessa perspectiva, é importante ressaltar a conexão entre esses dois significados apresentados, pois ambos mostram como o ser humano está intimamente ligado à terra, seja ao cultivá-la para obter alimentos e sustento, seja ao prestar culto aos seus mortos e manter viva a memória de seus antepassados.

Essa relação entre o homem e a terra, que deu origem ao conceito de cultura, pode ser estudada de maneira a abranger outros conceitos, como a memória e a

identidade. Esses conceitos também remetem à conexão existente entre o homem, ou um grupo social, e o lugar que habita. No que diz respeito à memória, segundo Nora (1993), ela é um fenômeno atual carregado por grupos vivos e está em constante evolução, sujeita à dialética da lembrança e do esquecimento.

As lembranças podem ser lembradas não só por nós mesmos, mas também por outras pessoas, o que agrega valor a nossas concepções sobre algum acontecimento e nos permite ter novas perspectivas. Entretanto, do mesmo modo que podem ser adquiridas, as lembranças também podem ser diluídas. Relações com grupos específicos muitas vezes são deixadas de lado por não serem mais relevantes no presente, em que o contato com outros grupos pode ser maior e, conseqüentemente, as lembranças construídas anteriormente podem perder sua importância (HALBWACHS, 1990). Dessa forma, a memória é entendida como um elo entre os seres humanos, permitindo-nos guardar ou deixar de lado lembranças vividas ou adquiridas ao longo do tempo.

Halbwachs (1992) destaca a existência de três elementos constitutivos da memória: os acontecimentos, as pessoas e os lugares. No que se refere aos acontecimentos, podem ter sido vividos pessoalmente ou mesmo indiretamente, quando a relevância de algum evento acabou se mostrando tão grande a ponto de pessoas que não participaram ativamente se sentirem pertencentes a ele. As pessoas, por sua vez, constroem e vivenciam as memórias, podendo ter pertencido ou não a um determinado espaço-tempo no qual se destacou algum personagem importante. Por fim, os lugares são aqueles que remetem às memórias particulares e públicas, podendo ser

[...] um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela.

Ou seja, os lugares são espaços que, em algum momento, foram palco de acontecimentos vividos direta ou indiretamente por uma pessoa ou um grupo, possibilitando a construção de uma memória individual ou coletiva. A partir disso, é possível entender a estreita relação entre o homem e a terra, pois é ela que permite a vivência das relações humanas e, conseqüentemente, a formação de memórias, relacionando o presente com o que foi deixado pelos antepassados. Compreender esse importante vínculo permite que um lugar de memória se torne também um lugar de identificação.

A identificação com um lugar ocorre quando pessoas se sentem pertencentes a ele de maneira a buscarem por sua preservação. Nesses lugares, memórias são cultivadas e transmitidas de geração a geração, o que reforça a questão temporal envolvida nesse processo. Pollak (1992) explica que são três os elementos essenciais para a construção de uma identidade: a unidade física, que envolve o sentimento de um grupo ou pessoa se sentir pertencente a determinado local delimitado por fronteiras físicas; a continuidade

dentro do tempo, podendo ser física, moral ou psicológica; o sentimento de coerência, em que se unifica os diferentes elementos formadores de um indivíduo.

Observa-se que, principalmente no que diz respeito à continuidade temporal, ela pode envolver a transmissibilidade de memórias construídas fisicamente, moralmente ou psicologicamente, fomentando o sentimento de coerência. Segundo Pollak (1992, p. 5), a memória é um “elemento constitutivo do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, uma vez que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou grupo na sua reconstrução de si”. Isso significa que memória e identidade estão diretamente relacionadas na formação, na caracterização e na constituição humana.

Entretanto, é preciso considerar o crescente processo de globalização que vem afetando as culturas e homogeneizando as identidades coletivas, o que nem sempre permite que uma sociedade seja coerente em sua totalidade. Segundo Hall (2006), estamos em um cenário de pós-modernidade, em que o fenômeno da globalização tem um importante impacto sobre a questão da identidade cultural, devido aos processos de mudanças rápidas e constantes que afetam as sociedades contemporâneas.

Ao longo de toda a história, o homem buscou se expressar por meio de sinais que refletiam seus modos de pensar, sentir e agir, revelando vivências que remontam a uma parte da história da humanidade que precisa ser valorizada e preservada (PECIAR; ISAlA, 2005). Essas expressões representavam aquilo que fazia parte do cotidiano do homem, implicando em sua cultura e, posteriormente, em um patrimônio cultural a ser estudado, interpretado e conservado pelas gerações sucessoras, que possivelmente têm nesses elementos informações para a construção de sua identidade.

Segundo Meneses (2004), o conceito de cultura sofreu diversas mudanças ao longo do tempo, resultando em novas percepções sobre o que hoje consideramos patrimônio cultural. Entretanto, o autor ressalta que essas transformações ocorreram lentamente, mantendo ainda a forte marca da tradição. Historicamente, a ideia de herança ou legado cultural se baseia na formação de uma identidade, principalmente em relação às obras monumentais de uma arte associada às classes dominantes, como arquitetura, escultura, pintura, literatura (incluindo o teatro) e música (MENESES, 2004, p. 42-43). Ainda assim, no final do século XIX, já havia indícios de uma nova forma de pensar a história, que buscava revitalizá-la. Esse movimento foi liderado por um grupo de historiadores franceses da Escola dos Annales, que contribuíram para materializar uma história construída por meio de discussões inovadoras e críticas sobre as produções históricas do século XIX. A partir desse momento, conceitos como herança cultural passaram por transformações significativas, assim como a interpretação das culturas do passado (MENESES, 2004).

Os novos conceitos sobre cultura e suas transformações permitem reflexões acerca da forma como as pessoas apreendem o patrimônio cultural. Essa evolução histórica acompanha uma mudança de pensamento, gerando diferentes interpretações em relação aos bens culturais, sejam eles materiais ou imateriais. Nesse sentido, Meneses (2004) analisa a ideia de uma *Nouvelle Histoire*, ou seja, uma Nova História. Segundo o autor, essa nova história baseia-se em cinco parâmetros: o primeiro é a “História-problema”, que nega as tradicionais narrativas e passa a analisar a evolução histórica em todo o seu contexto. O segundo é uma nova concepção do fato histórico, que o

problematiza ao invés de aceitá-lo como algo exato. O terceiro aspecto é a relativização da supervalorização dos documentos escritos, considerando outras fontes documentais como fontes históricas. A ideia de “história total” é o quarto parâmetro, que considera todos os homens, suas culturas e vivências como objeto de estudo. Finalmente, a interdisciplinaridade na interpretação do passado é o quinto parâmetro, incorporando outras ciências e disciplinas nesse processo, bem como diferentes perspectivas, instrumentos e metodologias para a interpretação da história.

Assim, pode-se perceber que a nova história engloba realidades sociais anteriormente pouco exploradas, como as vivências e culturas, contemplando aspectos que vão além do âmbito material. A imaterialidade contida na cultura de um povo tem muito a dizer sobre a história de um lugar e suas tradições. Portanto, considerando uma abordagem mais ampla da história, é possível descobrir e interpretar melhor os aspectos culturais e históricos de uma região, alcançando conclusões mais completas. Nesse sentido, o estudo do patrimônio cultural de uma localidade se beneficia de uma abordagem complexa da história, sob uma perspectiva interdisciplinar.

3 PATRIMÔNIO E CULTURA PATENSE: POSSIBILIDADES TURÍSTICAS

A partir das múltiplas perspectivas fornecidas pela Nova História, é possível criar novas estratégias e ações no campo do patrimônio e do turismo para fomentar uma maior identificação da comunidade com sua própria cultura e, ao mesmo tempo, oferecer experiências enriquecedoras para os visitantes, envolvendo tradições, expressões, saberes, vivências e outras manifestações que fazem parte da cultura local.

Nesse sentido, elementos constituintes da história e da realidade social de um povo, como a cultura do milho para os habitantes de Patos de Minas, podem ser utilizados para ampliar a temática do patrimônio cultural da cidade. Esse patrimônio deve não apenas se limitar aos grandes monumentos e narrativas tradicionais, conforme apontado por Meneses (2004), mas também abarcar toda a realidade social e o contexto de formação da comunidade patense.

Além disso, o turismo é uma importante ferramenta para impulsionar novas interpretações acerca do patrimônio cultural de Patos de Minas, considerando que “o Turismo Cultural proporciona acesso a esse patrimônio, ou seja, à cultura e ao modo de vida de uma comunidade” (PECIAR; ISAIA, 2005, p. 80). Dessa forma, podem ser exploradas manifestações e festividades típicas da cultura patense, que podem ser configurar como parte do patrimônio cultural da cidade e atrativos turísticos, como a Festa do Milho, a culinária do milho e elementos da cultura material com simbologia relacionada a esse grão.

3.1 FESTA NACIONAL DO MILHO

Reconhecida como a Capital Nacional do Milho e tendo seu aniversário, dia 24 de maio, oficializado como Dia Nacional do Milho pela Lei nº 13.101 (BRASIL, 2015), Patos de Minas tem nesse grão um símbolo de destaque em diversas manifestações culturais. Além de estar presente em mobiliários urbanos, está representado em fontes de água e calçadas, o milho também é um elemento imaterial, fazendo parte da

gastronomia, do artesanato, dos hinos e das festividades da cidade, como a Festa Nacional do Milho. É possível afirmar que essa festa configura o maior evento do município, atraindo anualmente pessoas de diversas localidades do país para participarem de suas atrações, como shows, festivais culinários, desfile cívico-estudantil, rodeios e leilões, entre outros.

Idealizada pela professora Célia Santos de Lima em 1956, a primeira Festa do Milho foi realizada no povoado de Bom Sucesso, pertencente ao município de Patos de Minas (MELLO, 1983). Segundo o memorialista local Oliveira Mello (1983), esse evento foi organizado com a utilização do milho como cereal de destaque para o desenvolvimento das atividades artesanais, culinárias, entre outras, e contou com o apoio da comunidade, desde os alunos da escola onde a professora Célia Lima lecionava até os fazendeiros do município que ajudaram com donativos. Após a boa receptividade do evento, nos anos seguintes a Festa do Milho foi novamente idealizada, mas agora na cidade de Patos de Minas e com objetivos de impulsionar o município como um grande centro agrícola.

De acordo com a “Revista do Sindicato dos Produtores Rurais de Patos de Minas” (2018), a concepção da Festa Nacional do Milho em Patos de Minas esteve relacionada com a ideia de promover a cultura local e valorizar o cultivo de milho na região. O grupo responsável pela organização inicial do evento contava com a participação da professora Ordalina Vieira, Paulo Portilho, Lia Brochado e Padre Almir Neves de Medeiros. “Juntos, eles perceberam o potencial de realizar um evento grandioso que acontecesse anualmente” (REVISTA..., 2018, p. 6). Assim como na primeira festa de 1956, o milho foi escolhido como o grão representativo desse cultivo e passou a ser utilizado na decoração e em diversas atividades. A relação entre a festa e a agricultura, juntamente com o apoio e a organização da Associação Rural de Patos de Minas (hoje Sindicato dos Produtores Rurais de Patos de Minas), ajudou a promover a Festa do Milho e a impulsionar o crescimento do agronegócio no município.

Figura 1: Fotografia do desfile da candidata a Rainha do Milho, Helena Alves da Silva, em Patos de Minas, 1959



Fonte: Revista..., 2018.

Essa Revista ainda destaca a importância da união da comunidade para o surgimento da festa e sua perpetuação até os dias atuais, afinal, é por meio da união e participação de diversos agentes que qualquer festividade se propaga e ganha continuidade. Nesse sentido, a participação da comunidade no processo de desenvolvimento de estratégias para a preservação do patrimônio também é abordada por Meneses (2004), o que revela a consonância entre os preceitos destacados pelo autor e como estes podem ser relacionados com a temática cultural em Patos de Minas. Por meio do engajamento da comunidade patense, todo o cenário de representações culturais a partir da simbologia do milho pode reforçar a identidade local e promover diversas interpretações de sua cultura, tanto por parte dos próprios moradores quanto por parte de pessoas de outras localidades instigadas a experimentar novas vivências.

3.2 CULINÁRIA DO MILHO E ELEMENTOS SIMBÓLICOS

A culinária do milho é outra área de relevância para a cultura de Patos de Minas, considerando a grande versatilidade desse grão para a produção de diferentes tipos de alimentos.

Amplamente reconhecida nas Américas, a cultura do milho no Brasil remonta às raízes indígenas. Na culinária indígena, esse cereal esteve muito presente, embora, segundo Cascudo (1967), o milho não tenha sido tão determinante aos indígenas quanto a mandioca foi. Para o historiador, sua maior utilização foi por parte dos portugueses, que, ao descobrirem o milho, valorizaram-no instantaneamente. Atualmente, a cultura do milho se faz presente em diversas regiões do país, consolidando-se como uma forma de representar identidades e hábitos alimentares.

De acordo com Fornasieri Filho (2007), o milho é uma planta nativa das Américas. Há registro de que, em 1492, membros da expedição de Cristóvão Colombo o encontraram no interior de Cuba, sendo bastante utilizado pelos moradores nativos. Ao retornar à Espanha, Colombo então introduziu as sementes desse cereal no país e, a partir disso, o grão foi sendo cultivado pelo Mediterrâneo e se espalhando por outras regiões europeias (FORNASIERI FILHO, 2007).

O milho americano, *Zea mays*, é pertencente à família das Poaceas e constitui a única espécie cultivada do gênero, ao contrário das demais espécies do gênero *Zea*, consideradas selvagens, como as geralmente denominadas teosinte (FORNASIERI FILHO, 2007). Para explicar a origem do milho, há, segundo Fornasieri Filho (2007), três hipóteses. A hipótese da “evolução divergente” supõe a origem do milho por meio da evolução divergente de uma planta selvagem. A hipótese do “milho como antepassado do teosinte”, por sua vez, supõe que o teosinte teria surgido do milho por apresentar características como reação ao fotoperiodismo, redução de grãos pareados a únicos e redução do sabugo polístico. Por fim, a hipótese da “descendência do teosinte” sugere que o milho tenha se originado unicamente do teosinte por meio da seleção humana e, na atualidade, é a teoria mais aceita.

Segundo Fornasieri Filho (2007), existem aproximadamente 300 raças de milho descritas, compreendendo uma grande variabilidade genética entre as espécies, que podem vir a ser interessantes para comercialização ou para estudos científicos. Entre os complexos raciais mais importantes desse grão para o cenário econômico, o autor

menciona os Dentados Mexicanos, os Dentados da Faixa do Milho, os Dentados do Caribe, os Cristalinos do Caribe, os Catetos (comuns no Brasil) e os Cristalinos e Amiláceos do Norte. Tais complexos envolvem a presença de diversas raças de milho, o que comprova sua grande capacidade de variabilidade genética.

O cultivo do milho requer obrigatoriamente a atividade humana, ou seja, é um cereal totalmente domesticado. Por não crescer de maneira selvagem e por não sobreviver na natureza, o milho depende dos cuidados do homem (FORNASIERI FILHO, 2007), o que reforça a relação terra-indivíduo a ser estudada neste trabalho e, conseqüentemente, o sentimento de pertencimento que tal relação pode vir a construir. O milho não somente alimenta o homem, que pode consumi-lo tanto *in natura* quanto industrializado, mas também é destinado ao consumo animal na forma de silagem e grãos (AZEREDO, 2017), o que representa um importante papel desse cereal nas relações de produção, consumo ou mesmo sociabilidade.

Segundo Azeredo (2017), o milho pode ser utilizado no uso animal direto, no uso humano direto por meio do preparo caseiro, na indústria de rações ou de alimentos, como xarope de glucose, corantes, maltodextrinas, pré-gelatinizados, adesivos, ingredientes proteicos, entre outros. Isso reforça a necessidade do desenvolvimento de uma variedade genética do milho, para que tal grão possa atender diferentes segmentos e melhorar sua produtividade. O desenvolvimento de variedades de milho, alcançado por meio da seleção genética, permitiu que a produtividade aumentasse. Essas variedades, porém, são dependentes de altas doses de fertilizantes. Com isso, o desenvolvimento de fertilizantes químicos pela indústria química consolidou o modelo de produção de alta produtividade (AZEREDO, 2017, p. 21).

Em Patos de Minas, o aprimoramento genético das sementes do milho, que culminou na grande relevância desse grão para o município, foi desenvolvido por meio da empresa Agrocere, que, segundo a tese de Castro (1988), teve uma de suas primeiras unidades erguidas em solos patenses. O fundador da Agrocere, em 1945, foi o professor e pesquisador Antônio Secundino de São José que, ao participar de um programa de treinamento genético nos Estados Unidos, passou a conhecer o milho híbrido e trouxe mais de 100 linhagens desse grão para estudo no Brasil na Escola de Viçosa (CASTRO, 1988).

Em 1955, dez anos após sua fundação, foram realizados novos testes de produtividade do milho em Minas Gerais pelo Instituto Agrônomo de Minas Gerais, revelando que a produção média da semente de milho Agrocere 3A em Patos de Minas se mostrou a maior entre as analisadas (CASTRO, 1988). Assim, o milho foi se tornando um importante grão para a economia de todo o município e ganhando destaque também no segmento genético em relação ao desenvolvimento do milho híbrido. Em 1959, devido à sua versatilidade, foi escolhido como o símbolo de prosperidade a ser homenageado na festa que viria a ser o maior evento da cidade até os dias atuais: a Festa Nacional do Milho. Depois disso, a cultura do milho foi se firmando como um elemento cada vez mais presente na realidade do povo patense, até mesmo como símbolo de identidade.

Embora a produção em larga escala dos grãos secos de milho para alimentação animal represente a parte mais rentável e impulsionadora da economia, a produção do milho-verde, por meio da agricultura familiar, também é uma importante forma de

preservar uma cultura e seu patrimônio. Segundo o livreto “A cultura do milho-verde” (EMBRAPA, 2008), o cultivo do milho-verde é uma atividade quase somente realizada por pequenos e médios agricultores. Entre suas formas de consumo, pode ser apreciado cozido ou assado, na forma de curau, suco e como ingrediente para a elaboração de bolos, biscoitos e demais iguarias.

Existem diversas iguarias já firmadas como tradicionais para a população patense, as quais, inclusive, possuem, em seus modos de preparo, conhecimentos transmitidos e aprendidos de geração a geração. São exemplos bolo de milho, mingau de milho verde, caldo de milho e pamonha. Fazer pamonha, por exemplo, é uma atividade tradicional e constantemente realizada por famílias que habitam o município, privilegiando todo um processo colaborativo desde o plantio do grão até o cozimento da iguaria e sua degustação. Além disso, a forma de preparo da pamonha já é consolidada como um elemento de confraternização entre famílias e amigos, o que reforça sua importância para a integração da cultura local. Vale destacar que, em 2019, esse modo de fazer se tornou parte do patrimônio imaterial da cidade ao ser registrado no Livro do Tombo dos Saberes, por meio do Decreto nº 4.608, amparado pela Lei Municipal e aprovado pelo Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA)¹.

Figura 2: Fotografia do preparo caseiro da pamonha, no momento em que se insere o queijo na massa da pamonha, envolvida pela palha do milho



Fonte: arquivo das autoras, 2021.

A pamonha desempenha um importante papel econômico no município, sendo produzida em processos mecanizados para comercialização. Em Patos de Minas, é comum a existência de pamonharias, lugares onde diferentes tipos da iguaria são vendidos, o que também pode configurar uma opção de turismo gastronômico. Segundo a obra “Patrimônio Cultural de Patos de Minas: tombamentos e registros”, desenvolvida pela Prefeitura de Patos de Minas por meio da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo,

¹ Reportagem extraída da página oficial da Prefeitura de Patos de Minas. Disponível em: <http://patosdeminas.mg.gov.br/home/feitio-da-pamonha-uma-tradicao-que-se-tornou-patrimonio-cultural-de-patos-de-minas>. Acesso em: 24 abr. 2023.

Esporte e Lazer e da Diretoria de Igualdade Racial, Memória e Patrimônio Cultural (2022), nesses lugares, o consumo da pamonha se tornou comum e essa iguaria pode ser encontrada até mesmo em embalagens a vácuo para transporte.

Em adição à presença do milho nas manifestações artísticas e gastronômicas, Patos de Minas conta com a presença simbólica desse grão em alguns de seus equipamentos urbanos. Um exemplo é a calçada que percorre a principal rua da cidade. Tal calçada é composta por mosaicos de pedras portuguesas e foi construída desenhando-se um milharal em sua estrutura, além de conter importantes figuras que fazem parte da história da cidade, como a de tropeiros, patos, carros de boi e do homem do campo. Apesar de ter sofrido alguns danos nos últimos anos, a calçada está sob amparo da Lei Municipal nº 2.067/85, sendo hoje um dos bens de grande valor para a sociedade patense².

Figura 3: Fotografia da calçada da Rua Major Gote, em Patos de Minas



Fonte: arquivos das autoras, 2021.

A representação do milho também se encontra presente em outros equipamentos urbanos, como lixeiras, esculturas, fontes d'água e em espaços dedicados a ele, como o "Memorial do Milho". Embora esses bens de natureza física ainda não sejam oficializados patrimônio material de Patos de Minas, sua significação para a história do município já o contempla como tal por fazer parte do dia a dia da cidade. Assim, todas as formas de representações da cultura do milho, materiais ou imateriais, reforçam o potencial turístico da cidade e a diversidade de ações que podem ser desenvolvidas nesse âmbito.

² Reportagem extraída do site oficial da Prefeitura de Patos de Minas. Disponível em: <http://patosdeminas.mg.gov.br/home/diretoria-de-patrimonio-realiza-campanha-sobre-calcadas-da-rua-major-gote> Acesso em: 24 abr. 2023.

Figura 4: Fotografia da fonte luminosa, em Patos de Minas, inspirada no carro alegórico confeccionado pelo artista plástico Vicente Nepomuceno para a 37ª Festa do Milho



Fonte: arquivos das autoras, 2021.

Outra opção de local que funcionaria como turismo gastronômico é a tradicional “Feira do Produtor Rural”, o que poderia vir a aumentar a renda do pequeno produtor. Segundo a reportagem de Wesley Raphael (2014) para o jornal local *Patos em Destaque*, as feiras livres ainda são marcantes no interior, gerando empregos e incrementando a renda de várias famílias. Em Patos de Minas, a “Feira do Produtor Rural”, além do comércio de hortaliças e produtos alimentícios típicos da região, representa um ambiente de sociabilidade, servindo para a cultura e o lazer.

No livro “História da alimentação no Brasil”, Câmara Cascudo (1967) pontua que os sabores constituem uma das bases do patrimônio cultural brasileiro. O autor atesta que o paladar é algo subjetivo, mas que foi moldado em função de hábitos alimentares já enraizados na cultura de um povo. Nesse sentido, os sabores de uma região configuram bases de um patrimônio seletivo no ambiente familiar, devido ao fato de que a alimentação adotada por uma comunidade é desenvolvida e repassada de geração em geração, o que possibilita afirmar a identidade cultural de um espaço.

Assim, os hábitos alimentares de um lugar podem ser considerados patrimônio cultural, uma vez que revelam a manutenção de tradições, de saberes e fazeres de um povo. Muitas famílias em Patos de Minas detêm um amplo conhecimento em relação à produção não só de alimentos tradicionais, como é o caso da fabricação de produtos derivados do milho, como a pamonha, o mingau de milho verde, o suco de milho etc., mas também de outros alimentos apreciados pelo povo patense, como o queijo, o requeijão moreno e os doces típicos de festas religiosas, como o doce de leite e o doce de pau de mamão.

4 TURISMO CULTURAL A PARTIR DAS INTERPRETAÇÕES DA CULTURA PATENSE

Para Meneses (2004, p. 55), “interpretar [...] é produzir um significado para as coisas que as pessoas veem e buscam usufruir prazerosamente nas suas vivências como turistas”, ou seja, decifrar novos cotidianos aguça a curiosidade de quem vem de fora.

Logo, a interpretação das vivências da comunidade de Patos de Minas, considerando-se seus possíveis atrativos como alguns já registrados como patrimônio da cidade, pode ser algo trabalhado do ponto de vista do turismo. Segundo o autor, as várias possibilidades de interpretação de um patrimônio podem gerar diferentes emoções ao turista, de maneira que se sintam instigados a questionar e a refletir e tenham sua curiosidade estimulada. Entretanto, para que tudo isso seja proporcionado, é necessário um planejamento que envolva os diferentes setores da população, ou seja, os atores da sociedade, que precisam se sentir pertencentes a todo esse patrimônio e se envolverem em favor da causa.

As vivências proporcionadas a partir da cultura do milho, como pela Festa do Milho, pela culinária patense e seus elementos materiais de simbologia desse grão, podem vir a contemplar o patrimônio cultural de Patos de Minas, tendo esse entendimento permeado pelos preceitos da Nova História. Por isso, é reforçada aqui a necessidade do envolvimento dos diversos agentes responsáveis pela promoção e a preservação do patrimônio, bem como de sua possível utilização para o desenvolvimento turístico, considerando que

[...] entender o turismo como atividade meramente econômica, levando-se em conta apenas suas implicações mercadológicas, sem considerar sua dimensão social, torna inviável fazer considerações sobre a cultura como atributo para a compreensão das razões e do significado da atração turística. Visto sob este aspecto, somente é possível considerar a importância da cultura no âmbito do turismo se essa for tomada como resultado da interação da sociedade com o ambiente, ou seja, mais uma vez destaca-se a pertinência da análise do fenômeno turístico sob a ótica social (PECIAR, 2005, p. 83).

Assim, para se firmar como uma cultura autêntica de toda a população patense, é necessário que a própria comunidade esteja incluída em todo o processo. Meneses (2004) pontua a importância de os agentes realizadores de ações em prol do desenvolvimento cultural possuírem uma formação específica acerca dos instrumentos de reconhecimento, apreensão e preservação do patrimônio em todos seus segmentos. O planejamento de tais ações deve permear todo um campo interdisciplinar para permitir uma maior amplitude de interpretações problematizadoras do patrimônio, de maneira a constituir e a integrar um conjunto de atividades que caracterizem um método interpretativo (MENESES, 2004).

O método interpretativo abordado pelo autor é construído por meio de quatro objetivos: 1º) investigar/aprender; 2º) documentar/interpretar; 3º) intervir/preservar e 4º) informar/difundir o patrimônio de um local, tornando-o atrativo à comunidade, conhecido e entendido pelos visitantes e preservado por ambas as partes (MENESES, 2004). Logo, a associação desses objetivos com todo um planejamento interdisciplinar envolvendo os agentes de desenvolvimento patrimonial pode proporcionar um panorama favorável à valorização do patrimônio cultural local juntamente com seu interesse turístico.

Em Patos de Minas, a aplicação do método interpretativo como uma estratégia de planejamento pode ajudar no processo de identificação, desenvolvimento e difusão do patrimônio local, fortalecendo a identidade da cidade e de seu povo tanto para si mesmo quanto para aqueles que vêm fora. É relevante destacar a importância da apropriação da comunidade patense em relação a sua própria cultura, de modo que ela se sinta pertencente àquilo e sinta-se impelida a investigá-la, interpretá-la, difundi-la e preservá-la.

Outro ponto essencial ao processo interpretativo do patrimônio cultural é que a promoção da informação acerca desse patrimônio seja bem elaborada, afinal, segundo Meneses (2004, p. 59), “uma atitude ou outra, a emoção, o aguçamento da curiosidade ou a indiferença, depende, diretamente, da forma como a informação nos é passada”. Para o autor, é muito comum esquecer rapidamente uma visita realizada a um museu em função, em grande parte das vezes, da forma de difusão das informações. É preciso cativar o turista, fazendo com que ele desenvolva seu senso interpretativo ao ter acesso à cultura de um local.

A massificação do uso da informação em tratar o patrimônio como um produto a ser comercializado, juntamente com a tendência da mídia em dar informações concretas sem margens interpretativas, são mecanismos atuais que, segundo Meneses (2004), influenciam no processo de interpretação e compreensão dos públicos em relação ao patrimônio. Isso revela a necessidade de uma maior atenção ao processo de produção das ações para se proporcionarem experiências aos visitantes.

Dessa forma, pode-se dizer que o turismo funciona como uma importante ferramenta para, além de impulsionar uma nova alternativa de renda ao município, promover a preservação do patrimônio cultural de Patos de Minas. Para Meneses (2004), a interpretação do patrimônio permite a compreensão dos bens culturais, o que possibilita aos diferentes públicos o conhecimento sobre as variadas representações de um povo. Assim, a atividade turística em Patos de Minas pode proporcionar diferentes visões acerca de suas manifestações culturais e instigar o conhecimento de seu patrimônio, consequentemente impulsionando sua preservação ao torná-lo atrativo e aberto a novas interpretações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se os aspectos apontados por Meneses (2004) em relação ao processo de investigação, apreensão e interpretação acerca do patrimônio cultural de um lugar, pode-se dizer que, em primeiro plano, as ações a serem realizadas visando a um desenvolvimento turístico devem ser específicas a esse local. Cada povo tem sua própria cultura, como é o caso dos habitantes de Patos de Minas, os quais detêm costumes, saberes próprios e rotina de vivência a partir da simbologia do milho.

Ao se analisarem os elementos apresentados nos quais o milho se revela presente, como a Festa Nacional do Milho, a culinária e os bens materiais que fazem parte da cidade, observa-se um rico repertório de tradições incrustadas na realidade local que podem vir a ser trabalhadas, considerando-se diferentes segmentos. No entanto, observa-se também a necessidade de uma maior participação da comunidade patense juntamente com os agentes organizadores das ações referentes ao patrimônio

cultural da cidade para o desenvolvimento de ideias. O povo é o guardião da memória da cidade e de seus saberes e fazeres; portanto, sua inclusão no processo de articulação de ações e da promoção ao patrimônio e ao turismo local se mostra outro relevante aspecto a ser considerado.

É possível dizer que a interpretação das diferentes vivências de um povo pode contemplar uma forma de atrativo turístico, de maneira a instigar pessoas a experimentarem tais modos de vida por meio do conhecimento do patrimônio material e do imaterial próprios de um lugar. Em Patos de Minas, o turismo pode ser promovido a partir das vivências a serem proporcionadas pelas manifestações da tão presente cultura do milho na realidade do povo patense. O milho é o grão detentor das maiores manifestações artístico-culturais da cidade, como na gastronomia, no artesanato, nos elementos urbanos e na principal festa de Patos de Minas, o que mostra sua relevância para a organização da cidade como um local a ter sua história preservada e transmitida à sociedade. Dessa forma, as manifestações culturais patenses podem se revelar um conjunto de bens culturais potencialmente atrativos a visitantes e possibilitar uma nova forma de renda à cidade, de modo a serem preservadas para que essa alternativa seja trabalhada.

Destarte, a preservação do patrimônio histórico-cultural de Patos de Minas, por meio de seu desenvolvimento turístico, poderá proporcionar novas interpretações sobre suas representações culturais e sobre a própria simbologia do milho. Isso irá permitir que a cultura patense seja difundida sob vários pontos de vista e instigue cada vez mais as pessoas de fora a conhecê-la. Entretanto, é importante também que os próprios habitantes de Patos de Minas se reconheçam em sua cultura e apropriem-se dela, afinal, são os verdadeiros detentores de seus costumes e cabe a eles a perpetuação desses costumes para as gerações posteriores. Por fim, deve-se ter cuidado ao planejar um modo para que informações em relação ao patrimônio histórico-cultural de Patos de Minas sejam conduzidas e transmitidas ao público visitante, considerando-se as ferramentas midiáticas de homogeneização de pensamentos no atual cenário globalizado. As informações devem ser passadas de modo a permitirem uma gama de interpretações por parte do visitante, o qual provavelmente estará em busca de conhecer novas realidades e vivenciar experiências únicas.

Bosi (1992) reitera que as mediações simbólicas funcionam como uma forma de fixar o passado com a experiência atual de um grupo, podendo ser representada pelo gesto, pelo canto, pela dança, pelo rito, pela oração e pela fala que evoca e invoca. A possibilidade de enraizar na terra a experiência atual da comunidade de Patos de Minas perpassa por mediações simbólicas. A sua presente cultura do milho pode ser vista como o símbolo da cidade que a tornou conhecida em cenário nacional e influencia a produção de diversos saberes e festividades relacionados a esse tema. Nota-se, então, que, ao cultivar a terra, a população patense também cultiva sua história, sua memória.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, E. B. da F. **Gastronomia, cultura e memória**: por uma cultura brasileira do milho. Organização de Myriam Melchior. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2017.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. **Lei nº 13.101, de 27 de janeiro de 2015**. Dispõe sobre o Dia Nacional do Milho. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13101.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Dia%20Nacional,data%20de%2024%20de%20maio.

CASCUDO, L. C. **História da alimentação no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

CASTRO, A. C. **Crescimento da firma e diversificação produtiva: o caso AGROCERES**. 1988. 403 f. Tese (Doutorado em Economia), Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1988.154488>.

DIRETORIA de Patrimônio realiza campanha sobre calçadas da rua Major Gote. Disponível em: <http://patosdeminas.mg.gov.br/home/diretoria-de-patrimonio-realiza-campanha-sobre-calcadas-da-rua-major-gote>.

EMBRAPA. **A cultura do milho-verde**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. (Coleção Plantar, 59).

FEITIO da pamonha: uma tradição que se tornou patrimônio cultural de Patos de Minas. Disponível em: <http://patosdeminas.mg.gov.br/home/feitio-da-pamonha-uma-tradicao-que-se-tornou-patrimonio-cultural-de-patos-de-minas>.

FORNASIERI FILHO, D. **Manual da cultura do milho**. Jaboticabal: Funep, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RAPHAEL, Wesley. Com sucesso, Feira do Produtor Rural é destaque em Patos de Minas. **Patos em Destaque**, Patos de Minas, 20 jun. 2014. Disponível em: <https://patosemdestaque.com.br/noticia/PVveX9JTpW>.

PATOS DE MINAS. **Lei Orgânica de Patos de Minas**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/lei-organica-patos-de-minas-mg>.

MELLO, A. O. **Patos de Minas: capital do milho**. Editora da Academia Patense de Letras: Patos de Minas, Minas Gerais, 1971.

MELLO, A. O. **A Festa do Milho e Patos de Minas**. Departamento de Relações Públicas. XIV Festa Nacional do Milho. Patos de Minas, Minas Gerais: Colégio Estadual Professor Zama Maciel, 1972.

MELLO, O. **Festa do Milho: 25 Anos**. Patos de Minas: Ed. do Sindicato Rural, 1983.

MENESES, J. N. **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 07-28, dez. 1993. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/3153>.

PECIAR, P. L. R.; ISAIA, L. Turismo cultural: um olhar sobre as manifestações de atratividades encontradas nas feiras populares do Brique da Redenção em Porto Alegre - RS, Brasil, e da feira da Praça Matriz em Montevideu no Uruguai. **RACE: Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, Joaçaba, v. 4, n. 1, p. 79-96, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/race/article/view/8725>.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PATOS DE MINAS. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer. Diretoria de Igualdade Racial, Memória e Patrimônio Cultural. **Patrimônio cultural de Patos de Minas: tombamentos e registros**. Patos de Minas: Prefeitura Municipal de Patos de Minas, 2022.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>.

REVISTA DO SINDICATO DOS PRODUTORES RURAIS DE PATOS DE MINAS. Patos de Minas: Sindicato dos Produtores Rurais de Patos de Minas, maio 2018.